

PRESIDENCIÁVEIS NA TV

Washington
Novaes

Barrando a esquerda?



-Há quem pense, como o ex-governador Leonel Brizola, que o lançamento da candidatura Sílvio Santos não passa de mais uma etapa da estratégia conservadora na eleição presidencial, destinada a impedir a chegada de qualquer candidato da chamada "esquerda" ao segundo turno. Em sua fala no último debate da **Rede Bandeirantes**, Brizola chegou a dizer que Collor e Sílvio Santos não passavam de duas faces da mesma moeda — o "demônio" e o "coisa ruim". Qualquer um dos dois que ganhe, "sairá ganhando o inferno".

Em outras palavras, os conservadores, assustados com a queda de Collor nas pesquisas e com a possível ascensão de Lula ou Brizola — graças principalmente aos votos das classes D e E que ainda não se haviam definido por nenhum outro candidato da chamada "direita" (Maluf, Afif, Caiado), nem mesmo da centro-esquerda (Covas, Ulysses) — teriam decidido recorrer a Sílvio Santos. Na pior das hipóteses, este candidato assumiria uma dianteira capaz de levá-lo ao segundo turno e, com a ajuda de alianças (Maluf, Afif e Caiado, pelo menos), à vitória final. Numa segunda hipótese, mais otimista para os conservadores, aconteceria o previsto por Brizola: dois candidatos do agrado dos conservadores no segundo turno, Sílvio e Collor. E no final tudo se resolveria num grande acordo, já que mesmo as incompatibilidades de Collor com Sarney seriam removíveis pelos partidários de ambos, liderados por Antônio Carlos Magalhães.

Há várias hipóteses em que essa estratégia — se é que existe — pode não funcionar. Uma primeira seria com a permanência de Sílvio Santos na disputa, superadas as impugnações. Neste caso, pode se produzir um tal embolamento entre vários candidatos — o próprio Sílvio, Collor, Lula, Brizola, Covas e até Maluf — que acabem excluídos do turno final os dois candidatos do agrado dos conservadores.

Ainda dentro desse mesmo quadro, as próximas pesquisas podem apontar uma situação que induza ao voto útil a chamada "esquerda", com o pro-

pósito de colocar pelo menos um de seus candidatos no turno final. Tanto pode ser Lula, como Brizola ou Covas.

Outra hipótese seria o afastamento de Sílvio Santos da disputa e a radicalização de Collor com Sarney, que pode tirá-lo do vídeo. Que aconteceria? Sílvio Santos teria condição de transferir votos para alguém? Quem? E Collor, com essa radicalização, perderia ou ganharia votos?

São muitas variáveis. E com o complicador de só na quinta-feira à noite vir a ser conhecida a decisão do TSE. Dificilmente a intenção de voto dos ainda não definidos, diante de um quadro final, será captada pelas pesquisas a serem conhecidas no fim de semana. Isso dificultará a decisão dos que aguardam uma situação mais clara para definir-se.

O mais provável, portanto, é que, aconteça o que acontecer no vídeo, chegaremos à boca das urnas com muitas possibilidades. E o eleitorado com o coração na mão.

E O JORNALISMO?

Há 60 dias, o espectador brasileiro, muito acostumado a um jornalismo comedido, bem comportado, na TV, que em regra se limita a coberturas extremamente sintéticas de uns poucos fatos do dia, sem análises e desdobramentos, vê desfilar agora diante de seus olhos um outro retrato do Brasil. Povoado de problemas e dramas. E de propostas as mais diversas e conflitantes entre elas para resolver esses problemas. A suposição é de que esses espectadores estejam também mergulhados nessa discussão nacional, paralelamente à discussão dos candidatos.

Terminada a campanha, que acontecerá? Retornará o jornalismo da TV aos velhos formatos e conteúdos? Que pensará o espectador, se isso acontecer?

Ou alguma rede tentará, a partir daí, reposicionar seu jornalismo para formatos e conteúdos mais abrangentes, que dêem sequência às discussões inevitáveis nesta nova transição?

Será interessante acompanhar o desfecho.

PRÓ E CONTRA

O candidato Leonel Brizola certamente marcou pontos com sua fala no final do debate de domingo na **Rede Bandeirantes**. Pela força de expressão, pelo sentimento evidente e, principalmente, pelo gesto de desprendimento, ao pedir que o eleitorado, se não o quiser, não vote nele, escolha um dos demais candidatos ali presentes — mas não vote em Collor ou Sílvio. A emoção que embargou a voz de Brizola no final desse pronunciamento — depois repetido várias vezes no horário eleitoral — deve ter tocado muitos eleitores.

Mas Brizola deve também ter perdido muitos pontos entre uma parte do público, que não vota mais influência fortemente: as crianças. Ao dizer ao eleitor que estavam menosprezando sua capacidade, o ex-governador disse que o tomavam por uma mente "deste tamanho" — apertando o polegar ao indicador —, com 7 ou 9 anos de idade. As crianças com certeza não gostaram. Até mesmo porque a dimensão da mente não tem haver com a idade.

COMO MOBILIZAR

O candidato Celso Brant, antes tão didático e claro, inexplicavelmente aderiu à retórica bombástica, para dizer que o eleitor está perdendo a chance de aderir ao "mais importante projeto político" já apresentado no Brasil. O dele, claro, centrado nas propostas do Parlamento do Terceiro Mundo e da mobilização nacional.

Mas não disse nem como nem por onde fazer a mobilização nacional. Nem como vai vencer o Terceiro Mundo a aceitar sua proposta. A culpa não é do espectador/eleitor.

LEMBRETES

O candidato Roberto Freire também fala em "pessoa humana". Quais são as desumanas?

PT e PSDB parecidíssimos em seus **clips** que juntam falas de vários atores.

Caiado e Maluf também, com as pregações sobre a bandeira. E o Collor com Frei Damião?